CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA DA ARTE E DA ARQUITETURA NO RESTAURO DA CAPELA-MOR DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, SSA/ BA

Maria Herminia Olivera Hernández / UFBA

RESUMO
A Igreja de Nossa Senhora da Graça local onde se materializa a arte do sagrado, é focalizada, no presente artigo, a partir do ponto de vista da investigação histórico-artística, relacionada ao restauro de seus bens integrados, considerando o ambiente da capela-mor, e dentro dela o retábulo-mor e a pintura do forro, esta ultima, assinada pelo artista Manuel Lopes Rodrigues (1859-1917). O templo religioso, fundado em 1535, por Diogo Álvares, o Caramuru, constitui-se no santuário mariano mais antigo do Brasil. Foi doado em 1586 por Catarina Álvares Caramuru aos padres do Mosteiro de São Bento da Bahia. Conclusivamente foi constatado que as contribuições dos estudos históricos vinculados aos estudos conceituais e tecnológicos constituem dialogo fundamental para a restauração da obra de arte, seja qual for a sua natureza.

PALAVRAS-CHAVE
Arte sacra; restauro; capela-mor; beneditinos.

RESUMEN
La Iglesia de *Nossa Senhora da Graça* local donde se materializa el arte de lo sagrado, es focalizada, en el presente artículo, a partir del punto de vista de la investigación histórico-artística, relacionada al restauro de sus bienes integrados, considerando el ambiente de la capilla-mayor, y en ella el retablo-mayor y la pintura del falso techo, esta última, firmada por el artista Manuel Lopes Rodrigues (1859-1917). El templo religioso, fue donado en 1586 por Catarina Álvares Caramuru a los padres de São Benito y desde 1905 es parte del patrimonio inmueble del *Mosteiro de São Bento da Bahia*. Finalmente fue constatado que la contribución de los estudios históricos vinculados a los estudios conceptuales y tecnológicos constituyen dialogo fundamental para la restauración de la obra de arte, sea cual sea su naturaleza.

PALABRAS-CLAVE
arte sagrada; restauración; capilla-mayor; benitos.

Antecedentes

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram consultadas fontes manuscritas e também impressas. A maioria da documentação levantada no Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia incluiu os chamados relatórios trienais. Os quais eram produzidos a cada três anos pelos governos abaciais das casas monásticas e se constituíam em espécie de narrativas das atividades desenvolvidas na vida material e espiritual dos mosteiros beneditinos. Neles apareceram relatos com detalhes de materiais, artistas, artesãos, preços das obras, dentre outras informações fundamentais para a compreensão das intervenções que eram realizadas, conforme será demonstrado no texto a seguir.

História e arquitetura

A Igreja Nossa Senhora da Graça que forma parte do conjunto monástico homônimo, situava-se no centro da antiga Vila Velha, fundada por Diogo Álvares Caramuru, uma área atualmente conhecida como Bairro da Graça. Foi erguida, possivelmente, em 1536. E, no ano de 1586, Catarina Álvares Caramuru doou aos padres de São Bento a referida capela, com todo o aparato litúrgico necessário ao seu funcionamento e as terras a ela vizinhas. (LVTMB, 1945).

Apesar da Igreja da Graça pertencer aos beneditinos desde essa data, esta só será uma casa monástica nos finais do século XVIII. O chamado Colégio da Graça começou a ser construído a partir de 1679. Em 1694, foi elevado à condição de mosteiro e, no ano de 1906, incorporado ao Mosteiro da Bahia, na condição de Priorado Claustral.

A configuração do Mosteiro da Graça é resultante de diversas intervenções, realizadas durante o século XVIII e fins do XIX. A edificação segue o partido tradicional em quadra. Contudo, uma de suas alas, especificamente a voltada para o lado sul, na interseção com a ala oeste, projetava sua estrutura para fora do retângulo, trecho que foi eliminado no final dos oitocentos. Segundo os dados disponíveis, a quadra do mosteiro, com dois pavimentos, foi construída entre os anos de 1680 e 1717, mesmo período de edificação do claustro (LINS, 2002, v.1).

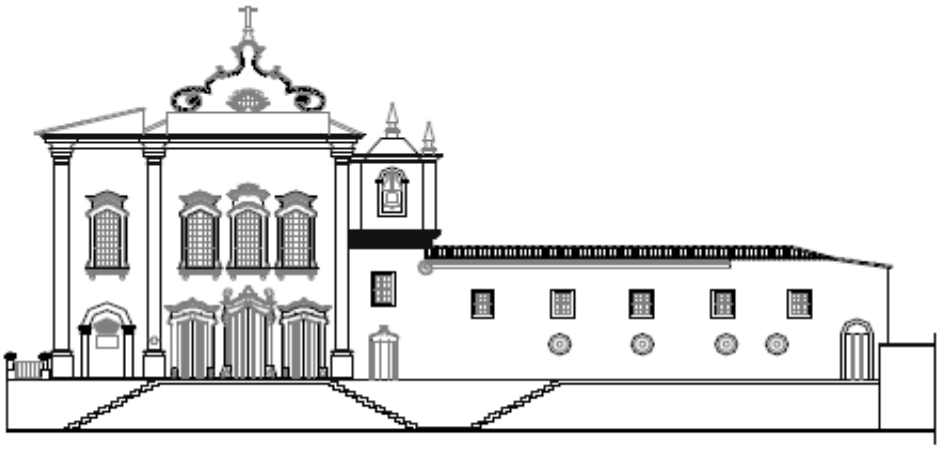

Fig. 1 – Mosteiro de Nossa Senhora da Graça (fachada oeste)
Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

A construção do templo atual foi iniciada em 1769. Seu frontispício possui três planos verticais demarcados por pilastras (figura 1). No central, aparecem as três portas de acesso à igreja, com cercaduras em cantaria, trabalhadas com delicados elementos florais e lintel em curva sinuosa, com remates em cornijas também sinuosas. Coroando esse plano central, surge um pequeno frontão formado de curvas e contracurvas. Os outros dois planos laterais são totalmente diferentes: o do lado da Epistola corresponde à torre da antiga igreja, com uma sineira arrematada por uma cúpula. Já o do lado do Evangelho é formado pela base da torre, a qual nunca teve seu campanário concluído. Mesmo que na leitura do frontispício predominem diversos elementos de linguagem rococó, o resultado final da composição apresenta estrutura extremamente rígida.

A planta da Igreja desenvolve-se em nave única, apresentando coro alto e tribunas nas paredes laterais, capela-mor, sacristia lateral e três portas de entrada. A nave possui dois altares colaterais, executados entre 1832 e 1835 (figura 2). Na ocasião, também foram feitas as grades e sanefas das tribunas e portas. No período de 1783 a 1786, foi construído o coro alto, apoiado em arco abatido, este que, por sua vez, se sustenta em dois capitéis aderidos às paredes laterais (figura 3). As obras do retábulo da capela-mor foram realizadas no último período citado.

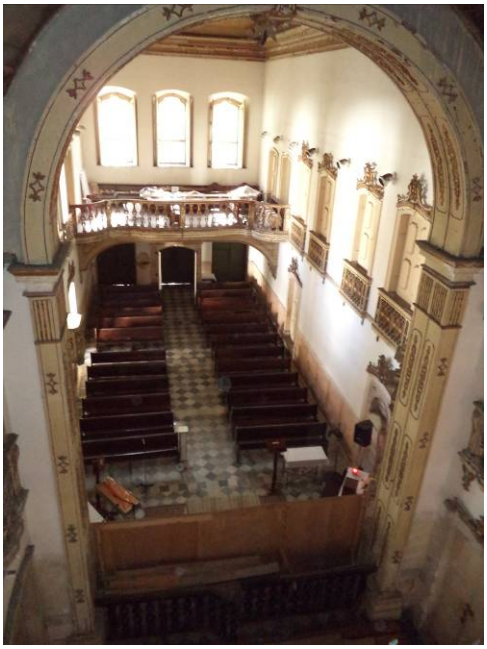

Fig 2 e 3 – Ambiente interior da Igreja de Nossa Senhora da Graça
Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Contribuições ao restauro

A capela-mor, epicentro da preparação do corpo e as almas, cenário onde se desempenha o ofício divino, se configura no ambiente imediato e falante onde o arquitetônico e estético se conjugam. Seu vocabulário artístico decorativo apresenta elementos que se integram ao do templo religioso como um todo. O presbitério feito à imitação de mármore apresenta desenho sinuoso e "tremido", imprimindo as formas do estilo rococó. O retábulo, que apresenta uma configuração marcadamente deste estilo, aponta também para uma forte influência do neoclássico (figura 4). Todo o processo de talha feita na igreja é de transição entre o rococó e o neoclássico.

Fig. 4 – Retábulo-mor de Nossa Senhora da Graça
Fonte: Arquivo do Studio Argolo

Uma das noticias encontradas referentes à capela-mor, vem do triênio de 1769–1771, quando a mesma foi concluída, possuindo "quarenta e nove palmos de comprimento por vinte e nove de largura [...]". No período foi colocado, provisoriamente um trono para expor o Santíssimo sacramento, feito com peças do antigo retábulo e "Ladrilhou-se todo o pavimento do presbiterio para costas do altar mor só de tijolo, e deste para fora, e todo o **mais pavimento da capela mor exmaltado de azulejo** [...]. (LINS 2002, p.899, *Apud*. ADB–CSB, Cód.143, p. 137) (grifos da autora).

O registro acima traz informações que dizem respeito às dimensões do ambiente, medidas estas devidamente conferidas na etapa de levantamento cadastral relacionando as proporções atuais com as da época, obtendo-se resultados compatíveis. O outro dado acerca da aplicação do azulejo no pavimento da capela-mor colabora com a identificação das peças encontradas sob o retábulo-mor, quando feita a desmontagem daquele para a realização da intervenção restaurativa, apontando para serem os possíveis vestígios do piso colocado na segunda metade do século XVIII.

Durante os setecentos, outros dados sobre a capela-mor informam que após diversas intervenções de mínima influência no andamento dos trabalhos, no triênio

de 1783–1786, foram recebidas diversas doações, o que possibilitou dar continuidade com maior afinco às obras, inclusive as voltadas à execução do retábulo-mor. Assim foram puxados os degraus do altar-mor e do presbitério, para ampliar o espaço das cerimônias, e:

> [...] com excellente risco, e um grande camarim com seo throno, de sinco altos degraos, bem levantado, e vistozo, e sobre este hum assento, capaz de receber huma grande custodia, guarnecido // de quatro colunnas, sobre as quais feicha um pavilhão, com capacidade de se porem quatro vidros, para entre elles se expor com mais decência o Santissimo Sacramento. Toda esta obra: de madeira e cedro, primorozamente entalhada, e feita a moderna, pelo melhor author que tem a Bahia. Para o mesmo trono se fizerão de cedro, todos os bocaes precisos para receberem as velas, [...]. Fez-se hum nixo novo de cedro com doze palmos de alto, bem entalhado, com seu caixilho para vidraça, e se assentou no meio do retabulo, imediato a boca ou arco do trono, onde esta colocada a Santa Imagem de Nossa Senhora da Graça. **Toda esta grande fabrica parece ser feita de pedra branca por estar pintada de essa mesma cor** [...], e huma banqueta pintada, e hum sacrário: tudo de cedro, bem obrado, doirado por dentro [...] Códice (338, AMSB, f.145). (grifos da autora).

As intervenções relacionadas aos degraus permanecem até os dias de hoje. A descrição sobre a estrutura retabilística com seus componentes decorativos, formais, materiais constitutivos, acabamentos, douramentos e a cor, na tonalidade branca do conjunto, foram fundamentais para a leitura da obra de arte. Ressaltando-se que o item relativo à cor foi um dos mais pesquisados e discutidos pelos restauradores, suscitando dúvidas na etapa inicial dos trabalhos devido à visão que se tinha do conjunto onde predominavam as nuances peroladas mais próximas e coerentes com a presença rococó no vocabulário decorativo da igreja.

As imagens abaixo oferecem uma visão frontal do retábulo, uma delas (figura 5) o apresenta com a maior parte de sua estrutura compositiva, acima descrita, faltando a imagem da padroeira. A outra imagem (figura 6) é um desenho realizado que serviu de base às etapas de diagnostico e identificações de danos e patologias e na fase de restauro a modo de ir acompanhando a ordem das intervenções. Sendo bastante útil na etapa de desmontagem do conjunto, colaborando nas identificações das partes.

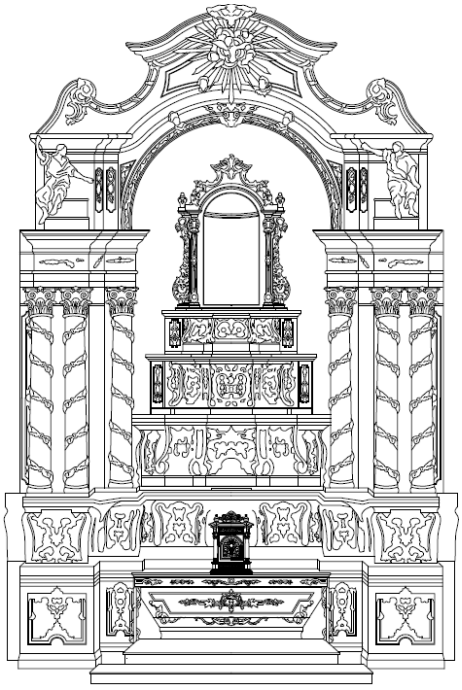

Fig. 5 e 6 – Retábulo-mor de Nossa Senhora da Graça
Fonte: Arquivo do Studio Argolo e Denilson Borges

Seguindo o caminho do material arrolado verificou-se que ainda no período, esculpiram-se quatro imagens para o altar-mor: São Bento e Santa Escolástica, com oito palmos de altura, encarnadas e estufadas com roupas pretas e ouro. E São Gregório Magno com vestes pontificais, e São Lourenço, com as vestes de sacerdote, "obras estas dos melhores autores desta terra" (Cód. 338, AMSB, f.145v). Esses exemplares de imaginaria foram identificados entre as peças objeto do restauro previsto, mantendo-se, contudo o anonimato da sua autoria.

Por oportuno, vale destacar que foi o momento em que diversas complementações e inserções de elementos artísticos e arquitetônicos foram incorporadas ao templo sendo alguns deles definitivos na configuração futura da sua fisionomia, entre elas:

– Execução das portas e janelas das tribunas e do coro;

– O coro foi assoalhado com tabua de vinhático, de três palmos de largura;

– Colocou-se a grade de madeira de cedro com quatro palmos de altura, sendo: "[...] vazados e abertos todos os balaustre, e quartelas de talhas, formadas, um três

meias canas, ou em três voltas, que deixou a frente do coro [...] e muyto segura com tres grossos gatos de ferro [...];

– A área inferior do coro foi toda forrada com taboado de cedro. A estrutura de sustentação do coro que aparenta um grande arco abatido é sustentada por "[...] dois capitéis de madeira, bem proporcionados como sahidos da parede, [...];

– Também foram colocados embaixo do coro, nas paredes laterais, dois grandes painéis. Esses painéis se encontram expostos no ambiente da sacristia, e segundo o documento existente no Códice (338, AMSB, f.146):

> [...] nestes estão pintados, as duas mais celebres antiguidades deste Mosteiro. No lado do Evangelho está debuxada a função que todos os annos faz o respeitável, e nobre senado da Camara desta cidade da Bahia em companhia do seu General Governador, em corpo formado com seu estandarte arvorado, acompanhado de grande comitiva de Almotaçeis, e instrumental, todos em Segres, a ouvirem missa, nesta Igreja de Nossa Senhora da Graça, e nella receberem as capelas de flores, no dia de São João Baptista, que lhes estão já preparadas, e coroados de flores, voltão com a mesma forma, para a Igreja dos Religiozos carmelitas Calçados, a celebrarem a festividade do mesmo Santo, com grande fausto e pompa.
> No outro painel do lado da Epistola se vê pintado os primeiros sucessos do descobrimento da Bahia. O navio dado á costa, os Europêos mortos pelos Gentios da America. Nelle se vê também Pedro Alvez favorecido da India principal do Brazil com quem depois de despozou com as principaes passagens da sua vida, e de Dona Catharina Alvez Paraguassú. Obra esta promorosamente executada de finíssimas tintas, que tem o gosto, e dá a conhecer as antiguidades desta Capitania.

Também, no arco cruzeiro foi afixada uma grade em jacarandá, "com molduras inteiriças e grossas com trinta balaustres e [...] (Cód. 338, AMSB, f.155). Esta grade é a existente até os dias atuais.

Finalizando os setecentos, a nova Igreja e seus interiores estavam quase terminados. No século XIX, algumas obras feitas tiveram incidência direta no espaço da capela-mor, dessa forma verificaram-se serviços como o da colocação de pedra de mármore nos pisos, manutenção em parte dos estuques das paredes, destacando-se as intervenções na imaginária (figura 7) quando:

> Encarnou-se a antiga imagem de Nossa Senhora da Graça que se achava abandonada embaixo do altar-mor, colocou-se em um decente nicho com uma rica e bem acabada coroa de prata

> galvanizada a ouro, palma e capela também de ouro. "[...] a imagem talves a mais antiga que exista nesta Capital"; e encarnaram-se as imagens de S. Bento e S. Escolástica [...]. (Cód. 12, AMSB, f.23v)

Fig. 7 – Detalhe do Retábulo-mor com imagem de Nossa Senhora da Graça
Fonte: Arquivo do Studio Argolo

Esses dados levaram à datação especifica do pavimento existente na nave e capela mor da igreja, ao período de inserção dos estuques nas paredes de todo o templo, e intervenções na imaginária, relacionando materiais e tipos de serviços realizados.

Ainda nos oitocentos, registra-se que devido ao estado de degradação da cobertura, tetos e forros foram refeitos, sendo substituídos os forros de estuque por madeira e pintados a óleo. O da nave da igreja que possuía uma pintura cuja provável autoria é do artista José Teofílo de Jesus (1748–1847), foi trocado por uma estrutura plana em madeira, na qual foi feita uma pintura com a visão de Catarina Álvares Caramurú, atribuída por Manuel Querino (1913) a Manuel Lopes Rodrigues (1859–1917) (LINS, 2002, v.1, p. 912).

A pintura do forro da capela-mor foi também atribuída a Manuel Silvestre Lopes Rodrigues, discípulo do conhecido pintor João Francisco, considerado um dos mais ilustres artistas no cenário das belas artes da Bahia, e nacional de final do século XIX e início do XX. Conforme (SILVA, 2008), Lopes Rodrigues teve contato profissional com seu tio Frei Domingos da Transfiguração e Machado, monge

beneditino e na época abade do Mosteiro de São Bento da Bahia. Sobre esse fato Scherer (1980, p. 30) comenta a probabilidade de ter sido Lopes Rodrigues, sobrinho de Frei Domingos, que tivesse "[...] ornado o forro da igrejinha com afrescos, entre os quais se encontram um representando a anunciação de Maria e outro, desenho de Catarina Paraguaçu, a fundadora do Santuário".

O forro referido que representa a "Anunciação de Maria" é justamente o da capela-mor, conforme mostram as imagens feitas antes do restauro, uma do contexto (figura 8) e outra (figura 9) um detalhe do requadro da obra, colocadas a seguir:

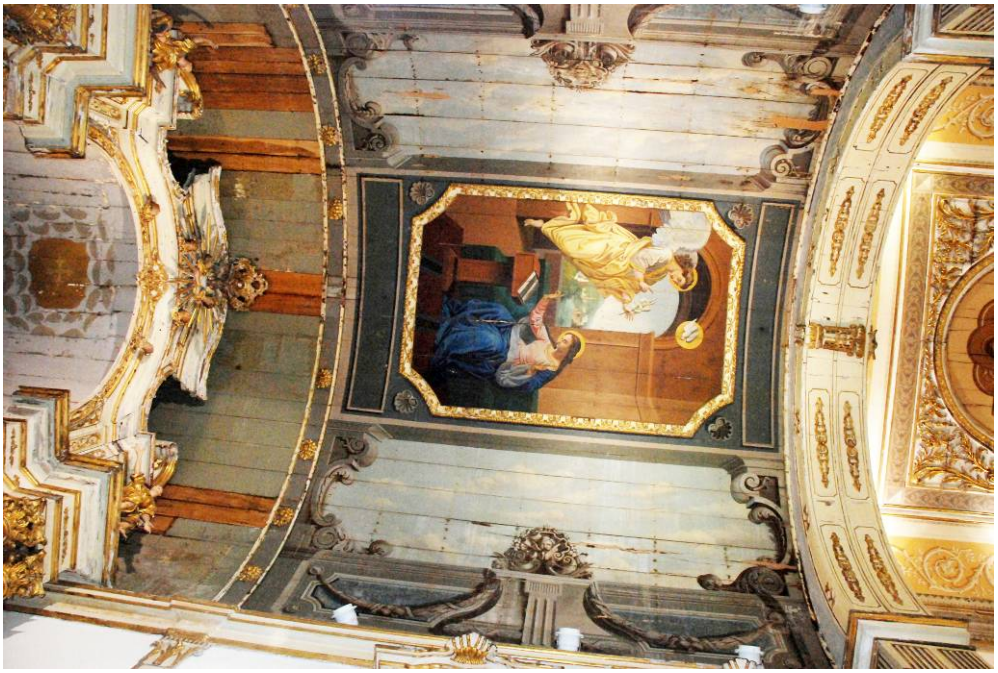

Fig. 8 – Forro da capela-mor: ao centro, a representação da Anunciação de Maria
Fonte: Arquivo do Studio Argolo

Fig. 9 – Forro da capela-mor: representação da Anunciação de Maria
Fonte: Arquivo do Studio Argolo

Uma parte significativa do processo de restauro foi a confirmação de autoria da pintura, ao aparecer sob a película que recobria a camada pictórica, a assinatura do artista (figura 10), que se identificava em algumas obras como “Lopes Filho”.

Fig. 10 – Forro da capela-mor: detalhe assinatura do artista
Fonte: Arquivo do Studio Argolo

Considerações

Nas últimas décadas, as análises científicas das obras de arte ganharam muito vulto e se tornaram imprescindíveis para melhor entender a sua natureza e características. As investigações feitas diretamente nesses bens, através de diversos meios, têm desempenhado papel determinante tanto no aprimoramento do diagnóstico do seu estado de conservação quanto nas etapas de execução dos trabalhos de restauro.

Essas análises que consideram as contribuições da história da arte, da arquitetura e outros estudos contribuem particularmente para a descoberta da autenticidade da obra de arte e deviam ser contempladas como prioridade no processo de restauro na contemporaneidade.

Assim, através do relato que teve como referencia a capela-mor da Igreja de nossa Senhora da Graça, em Salvador, Bahia, constatou-se a importância dos estudos históricos e arquitetônicos como parte daqueles necessários na restauração da obra de arte, seja qual for a sua natureza.

Referências

Códice 12: Estados e Esboços do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça, século XIX. 397f.

Códice 338: Estados dos Mosteiros de São Sebastião, de Nossa Senhora da Graça, de Nossa Senhora de Monte Serrat do Rio de Janeiro, de Nossa Senhora de Monte Serrat Paraíba e de Nossa senhora do Desterro de Santos, século XVIII. 187f.

Códice 143: Mosteiro de Nossa Senhora da Graça, 1717–1789. 222p

LIVRO VELHO DO TOMBO do Mosteiro de São Bento da Bahia. Salvador: Beneditina, 1945.

LINS, Eugênio de Ávila. Arquitetura dos mosteiros beneditinos no Brasil: século XVI a XIX. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2002. v.1.

SILVA, Viviane Rummler da. Pintores fundadores da Academia de Belas Artes da Bahia: João Francisco Lopes Rodrigues (1825-1893) e Miguel Navarro Cañizares (1834–1913). 2008. 452p. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Artes Visuais. Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, 2008.

SCHERER, Michael Emilio. Frei Domingos da Transfiguração Machado. O restaurador da Congregação Beneditina do Brasil. Rio de Janeiro: Lúmen Christi, 1980.

Maria Herminia Olivera Hernández
Professor Associado II, da Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas Artes, lidera o grupo de pesquisa: Design e Arquitetura no Universo das Artes Visuais. Professor da pós-graduação em Artes Visuais da EBA/UFBA e MP–CECRE/FAUFBA. Tem recebido prêmios para a publicação de livros e capítulos de livros e participado em diversos eventos, nacionais e internacionais com artigos inseridos nas suas publicações. (herminia234@yahoo.com.br)